

VIOLÊNCIA ESCOLAR: SENTIDOS PRODUZIDOS PELA MÍDIA

Autor: Erivelton Nunes de Almeida

Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO, associação ampla UERN, IFRN, UFERSA.
eriveltonalmeida@yahoo.com.br

Orientador: Jean Mac Cole Tavares Santos

Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO, associação ampla UERN, IFRN, UFERSA.
macolle@hotmail.com

Resumo: Este artigo discute, a partir de pesquisas realizadas na cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, a influência da mídia na construção do significado do termo violência escolar. Buscamos entender como as matérias publicadas em *blogs* e jornais contribuem para a construção do significado de violência escolar. Como construção entendemos o preenchimento do significado do termo ‘violência escolar’. Partimos do princípio que esse preenchimento é feito de forma provisória, discursiva e interessada. Compreendemos, assim como Alice Casimiro Lopes e outros autores que se filiam a teoria do pós-estruturalismo que é impossível a fixação de sentidos, inclusive em torno da temática da violência escolar. Consideramos ainda, que qualquer atitude nesse sentido será contingencial e temporária. Entendemos, assim com base em Stephen Ball, que a sociedade e a própria escola constrói seus conceitos em um processo complexo de significação em diálogo com o contexto, surgindo várias possibilidades de compreensão do fenômeno da violência escolar, sendo a mídia um dos elementos orientador da construção dos sentidos de violência escolar.

Palavras-chave: violência; escola; significados; mídia

INTRODUÇÃO

O tema violência escolar, fenômeno polissêmico de vários entendimentos e sentidos, vem chamando atenção de pesquisadores e educadores e compoendo cada vez mais agendas dos profissionais de educação, tem se tornado também notícia recorrente nos diversos meios de comunicação.

Em nossa pesquisa assumimos que é impossível a definição do termo violência escolar. Defendemos que os sentidos de violência são negociados com a comunidade escolar. Para tanto, nos aproximamos da teoria pós-estruturalista, no que diz respeito ao descentramento e a desconstrução de conceitos fixos e determinados.

Partimos do princípio que o conceito de violência escolar é construído contextualmente, e compreendemos que o comportamento da mídia é um dos elementos que contribui para essa construção, principalmente, no que diz respeito a forma como ela

trata/notícia os eventos ocorridos na escola.

Como referencial teórico nos aproximamos das concepções analisadas por Laclau (2011) e Lopes (2012) a respeito da impossibilidade de fixação de sentidos. Defendemos que o preenchimento do significante violência pode se dar de várias formas, podendo este ser empregado por vários sentidos. Portanto, consideramos que o termo violência assume um conceito flutuante, podendo adquirir vários sentidos construídos nos embates que, de forma contextual¹, acaba se configurando em disputas no campo político².

Dessa forma, o sentido do termo violência na escola não pode ser revestido de algo fixo, mas construído através das relações hegemônicas³ que se tornam temporariamente universais. São significados construídos por um jogo precário de linguagem que representam as demandas de determinados grupos em dado momento histórico.

Como exemplos de grupos que participam dessas significações podemos citar: Os gestores, por meio das políticas públicas voltadas para a prevenção da violência na escola, das normas institucionais, e dos livros didáticos; Os professores, por meio das ressignificações e interpretações dadas a esses textos no contexto escolar; A mídia que, de forma contingencial e interessadamente, veicula matérias em jornais, blogs e na TV.

Entender o significado de violência como flutuante e preenchido contextualmente não significa dizer que esse processo de reinterpretação seja fraudulento ou ainda que possa ser preenchido aleatoriamente. Conforme explicam Santos e Rodrigues (2015), não é uma tentativa de fraudar as estatísticas. Para esses autores, os jogos de sentidos funcionam como identificação, constituidora da própria realidade. “A realidade da escola é conceitual, passando pela caracterização, neste caso, de determinado estado de violência”. (SANTOS E RODRIGUES, 2015, p. 193).

Entendemos que a mídia tem uma participação importante nessa construção. Concordamos com Silva e Mendonça (2014), que a mídia é uma articuladora de sentidos e participe das construções da realidade social, sendo ao mesmo tempo instituinte e instituída

¹ Para Lopes (2002), o contexto indica não apenas o lugar onde os conceitos são construídos, mas como são selecionados e reposicionados em detrimento de outros conceitos. Implica em considerar que os textos são modificados por processos de simplificação e reelaboração, desenvolvidos em meio aos conflitos entre diferentes interesses que estruturam o campo da recontextualização.

² Esse campo não significa apenas a produção de textos ou outras prescrições. Para Ball, Maguire e Braun (2016, p. 13), “se a política é vista só nesses termos, então todos os outros momentos do processo de política e atuação das políticas que acontecem dentro e em torno das escolas são marginalizados ou passam despercebidos”.

³ Para Laclau e Mouffe (2004, apud ALVES, 2010), as relações hegemônicas, portanto, são frutos do processo democrático dos quais surgem antagonismos ideológicos que impossibilitam o fechamento conceitual.

do imaginário social⁴, colaborando e produzindo sentidos de violência escolar em diálogo com a sociedade.

O papel da mídia como denunciadora dos conflitos no âmbito da escola, enquanto problema merecedor de atenção, contribui, de certa forma, para a construção do significante violência escolar. Essa construção contudo não pode ser vista como algo ingênua e desinteressada, fazendo-se necessário portanto, a problematização da representação da violência pela mídia.

Defendemos assim, com base em Lopes (2013) e Laclau (2011), que não há construção desinteressada de sentidos, sendo os significados construídos contextualmente através de lutas políticas para atender as mais diversas demandas. De acordo com Santos e Silva (2015), esse embate político de construção de sentidos de violência escolar acaba, muitas vezes, aumentando a sensação da insegurança na medida que, de alguma forma, a discussão contribui para estereotipar escolas e criar mecanismos de discriminação.

Podemos discutir essa sensação de insegurança através de Bauman (2008). Para o autor, o fenômeno da globalização acabou por imprimir mudanças nas relações pessoais tornando-as frágeis. “Vivemos em uma época em que tudo é temporário, a modernidade é fluída, líquida. Essa fluidez atinge as relações interpessoais, fragilizando os vínculos humanos e gerando um medo de todos com relação a todos”. (BAUMAN, 2008, p.32).

O medo gerado pelas incertezas pós-modernas⁵ não é apenas o medo do que realmente possa acontecer, ou seja, um “medo real”. A obsessão pela segurança acabou trazendo à tona o que Bauman (2008) define como “medo de segundo grau” ou “medo derivado”. O “medo derivado” é uma espécie de sensação de insegurança que projeta e orienta comportamentos e termina, muitas vezes, gerando mais insegurança. “O medo é mais assustador quando é difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros”. (208, p. 8).

O medo derivado é uma espécie de medo comum ao ser humano, que por meio de sua estrutura lógica/mental projeta e representa um sentimento de perigo e vulnerabilidades abstratas.

⁴ Para Silva e Mendonça (2014), o Imaginário Social pode ser compreendido como uma força social, que une e constrói uma imagem que funciona pela interação, “uma certa sensação partilhada e, por isso, sempre coletivo” (p 41)

⁵ Para Lopes (2013, p. 15), “A Pós-modernidade pode ser caracterizada pelo fim do otimismo em relação ao ser humano, diante da barbárie no século XX - duas grandes guerras, holocausto, bomba atômica, genocídios de toda espécie”.

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de insegurança e vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o medo derivado adquire a capacidade de autopropulsão. (BAUMAN, 2008, P 9).

Bauman (2008) explica que, originalmente as cidades foram construídas para proteger os cidadãos dos invasores, porém na pós-modernidade (Modernidade Líquida), os centros urbanos estão cada vez mais associados ao perigo do que com a segurança.

Citando Nan Elin, Bauman (2008) afirma que, nos nossos tempos pós-modernos o fator medo certamente teve uma ascendência, várias evidências podem ser citadas nesse sentido, como “o aumento dos carros fechados, das portas de casa e dos sistemas de segurança, a popularidade das comunidades fechadas e seguras em todas as faixas de idade e de renda e a crescente vigilância nos espaços públicos”. (BAUMAN, 1999, p. 48).

Para Bauman (1999), o efeito geral desse movimento pela segurança é a autopropulsão do medo. Ideia corroborada por (SANTOS E RODRIGUES, 2015, p. 36), “Quanto mais nos protegemos, mais propulsionamos o medo, sentimos mais medo, como um ciclo vicioso”. É como se não tivesse um limite para o medo derivado, a proteção e a segurança são conceitos temporários.

Segundo Bauman (1999), a preocupação excessiva com a segurança pessoal, potencializada e sobrecarregada de sentidos para além de sua capacidade em função dos interesses e demandas e incerteza psicológica, “eleva-se ainda acima de todos os outros medos articulados, lançando sombra ainda mais acentuada sobre todas as outras razões de ansiedade.” (BAUMAN, 1999, p. 48).

Além dos indícios citados sobre a ascensão do medo derivado, Bauman (1999), chama a atenção ainda para as “intermináveis reportagens sobre perigo que aparecem nos veículos de comunicação de massa” (p. 48), para o autor essa é uma evidência de uma maior repercussão midiática dos atos de violência e, conseqüentemente, propulsão do medo derivado.

Entendemos assim, que o modo como a mídia tem tratado a violência, principalmente os fenômenos sociais ocorridos no interior da escola, notadamente aqueles que geram algum tipo de conflito, tem contribuído de alguma forma para essa sensação de insegurança, para a difusão do medo, para o aumento dos casos tidos como violência escolar, mas, principalmente, para a construção dos sentidos sobre violência escolar.

A MÍDIA E A SENSACÃO DE INSEGURANÇA

A mídia contribui diretamente para a construção de significados, influenciando no interesse e no comportamento da sociedade, inclusive no que diz respeito à violência. As matérias jornalísticas, não raramente acabam potencializando a sensação de medo e insegurança. Diante do sentimento desse medo e das possíveis ameaças, as pessoas têm cada vez mais se interessado por noticiários que apresentam assuntos relacionados a violência, criando-se assim, um ciclo vicioso.

Pressupomos que, por apresentar uma ameaça, esse tipo de notícia acaba despertando a curiosidade da população. Os profissionais da imprensa, sabedores dessa demanda e na sede pela audiência, atua explorando essa fragilidade. No entanto, as estratégias apelativas e sensacionalistas não atendem somente essa demanda de audiência, mas vários outros interesses políticos e comerciais.

Chomsky (2014), em suas pesquisas sobre as estratégias da mídia para manipular as massas e os filtros dos meios de comunicação, apresenta como resultado, que dentre outras estratégias da mídia, uma é 'criar problemas' para depois oferecer uma espécie de soluções. O autor conclui que algumas vezes a mídia costuma criar problemas e lança-os para o público, a fim de que esse seja um falso protagonista das medidas que se deseja tomar.

Dessa forma, a intensificação das notícias sobre violência escolar pode ser vista como uma estratégia, a fim de que o público seja induzido a ideia de que foi ele o mentor de leis penais e políticas públicas de segurança pública, que visem o aumento de penas de restrição de liberdade, defendidas e propostas por políticos oportunistas.

Ainda de acordo com Chomsky (2014), a mídia é também um meio de manter o povo distraído e distante dos principais problemas políticos e sociais de uma nação. Um dos noticiários que mantem as pessoas mais distraídas são os que trazem acontecimentos violentos. Segundo o autor é possível manter um controle sobre a massa e até mesmo buscar apoio em projetos políticos e empreitadas comerciais.

Você tem de mantê-lo bem assustado, porque, a menos que esteja suficientemente assustado e amedrontado com todo tipo de demônio interno, externo ou sabe-se lá de onde que virá destruí-lo, ele pode começar a pensar, o que é muito perigoso, porque ele não é preparado para pensar. Portanto, é importante distraí-lo e marginalizá-lo. (CHOMSKY, 2014. P 13).

No mesmo sentido, (BAUMAN, 2008, p. 147) observou que Rorty (1999) afirmara que “se os proletários puderem ser distraídos de seu próprio desespero por pseudo eventos criados pela mídia, incluindo uma guerra ocasional, breve e sangrenta, os super-ricos pouco terão a temer”.

Por outro lado, a exposição pública de eventos violentos e de pessoas flagradas cometendo crimes chama bastante atenção, “por esse motivo, a batalha contra o crime é apresentada como um “excitante espetáculo midiático-burocrático”. (BAUMAN, 1999, p. 135).

O combate ao crime, como o próprio crime e particularmente o crime contra os corpos e a propriedade privada, dá um excelente e excitante espetáculo, eminentemente assistível. Os produtores e redatores dos meios de comunicação de massa estão bem conscientes disso. (BAUMAN, 1999, p. 113).

Bauman (1999), chama atenção ainda para a forma como a mídia apela para os medos relacionados à segurança e relaciona isso à estratégias políticas, no sentido de que o ‘problema’ esteja sendo resolvido.

Além do uso político dessas notícias, há possibilidade de investidores se aproveitarem de espetacularização dos eventos violentos para vender seus produtos. “Um bocado de tensão acumula-se em torno da busca de segurança. E onde há tensão os investidores espertos e os corretores competentes com certeza reconhecerão um capital político.” (BAUMAN, 1999, p. 13).

Percebemos também que a sensação de punição imediata, independente da sua eficácia, agrada parte da população. Muitas vezes aquela breve exposição do caso e a apresentação do suspeito já serve como a pena/castigo pelo ato violento praticado. É como se a descoberta pelos órgãos de segurança a apresentação do autor do fato violento diminuísse, de algum modo, a sensação de medo.

Por fim, uma outra estratégia utilizada pela mídia, pelas empresas de propaganda e pelo *marketing* é a criação de algo novo. A novidade na pós-modernidade não está mais ligada a um furo de reportagem como se dizia antes da rapidez das redes sociais, mas à notícias sobre algum evento novo, que não seja mais tão comum, e que tenha se banalizado. A violência escolar no ambiente escolar, apesar de não ser algo novo, ainda chama bastante atenção do público, por envolver um espaço considerado de acolhimento e respeito, ate pouco tempo visto com imune.

A VIOLÊNCIA ESCOLA E A MÍDIA EM MOSSORÓ

A cidade de Mossoró possui uma população estimada (2016) em 291.937 habitantes⁶. Fica localizada a 270 Km da capital do estado, Natal. É um município considerado polo da região oeste do estado, se relacionando diretamente com várias outras cidades do Rio Grande do Norte e do estado do Ceará.

Mossoró é considerada pelos órgãos de segurança pública como uma cidade com alto índice de violência. De acordo com o Atlas de Violência do IPEA (2016), a Microrregião de Mossoró, levando em consideração Taxa de Homicídio Bayesiana, alcançou a 9º lugar⁷ enquanto microrregiões mais violentas do País, atingindo o patamar de 71,5 homicídios por 100 mil habitantes. O índice nacional no mesmo ano foi de 29,1 e o estadual (RN) 46,2.

Na cidade existem vários *blogs* que se ocupam, quase que exclusivamente, em noticiar matérias relacionadas às ocorrências policiais. Dentre eles, escolhemos três para realizar nossa pesquisa: ‘O Câmera’, ‘Fim da Linha’ e ‘Passando na Hora’. Levamos em consideração que esses três são os mais acessados. Além disso, usamos no nosso filtro o site ‘G1, da globo.com’, por ter uma abrangência estadual, o site ‘Mossoró Hoje’ e o ‘Jornal Tribuna do Norte’.

No que diz respeito à metodologia, este trabalho é de cunho qualitativo. Para Minayo (2009), essa modalidade de pesquisa responde a questões particulares e se ocupa nas Ciências Sociais com um nível de realidade que não pode ser qualificado através de outras formas de pesquisas.

Fizemos a pesquisa através de um filtro, utilizando as palavras chaves ‘violência escolar’, ‘violência na escola’, ‘escola e violência’, a partir dos *blogs* e jornais supracitados. Restringimo-nos aos resultados dos últimos 05 (cinco) anos. Por fim, analisamos a fala de um professor, publicada em uma rede social sobre a violência escolar na instituição a qual ele pertence.

⁶ Dados de 2016, IBGE

⁷ Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e Sim/Dasis/SVS/MS. O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Taxas de Homicídios Bayesiana, por 100 mil habitantes. Elaboração Diest/Ipea. Nota: Dados de 2014 são preliminares.

Percebemos em nossa pesquisa que boa parte das notícias sobre violência na escola dizem respeito a atos de violência que não estão relacionados diretamente com o processo de ensino e aprendizagem, mas à violência comum a qualquer ambiente social, tais como: roubos, agressões e até tentativa de homicídio.

Porém, tais manchetes trazem como apelo o fato de a violência ter ocorrido no interior ou próximo ao ambiente escolar. Acreditamos que isso ocorra pois, conforme já foi dito, a escola, até pouco tempo, era vista como um ambiente imune à violência urbana, e isso é uma forma de chamar atenção do público, uma forma de dinamizar a matéria e fugir do comum, ou seja, fugir nas matérias recorrentes, que já não comovem e chamam tanta atenção da população.

Senão vejamos, o título da matéria notícia estampada no Portal de notícias G1, da Globo.com publicada em 22 de maio de 2013: “violência nas escolas do RN preocupa”. Ou ainda a reportagem de capa do Jornal de Fato, em abril de 2014: “Violência em Mossoró chega as escolas”.

A última matéria retrata um crime de homicídio tentado, ocorrido na escola Estadual Maria Estela, no Bairro Liberdade I, em 29 de abril de 2014, onde três pessoas foram vítimas, sendo uma delas a supervisora da escola, uma aluna e um Policial Militar.

Os títulos das manchetes nos dão pistas sobre como a mídia tem representado fatos que incluem como sendo violência escolar. Percebemos que certos elementos se hegemonomizam na significação do conceito violência escolar, ainda que não esteja diretamente relacionada a atividade da escola.

Na segunda matéria por exemplo, fica evidente o apelo para se supervalorizar um fato que, se não fosse na escola, seria apenas mais um homicídio, sem tanta repercussão pois virou uma notícia comum. Diante do índice de homicídios já exposto a notícia sobre assassinato transformou-se em um assunto recorrente, que não chama mais tanta atenção da sociedade.

Em uma reportagem sobre o mesmo fato, realizada pelo G1 Portal de Notícias da Globo.com, em 29 de abril de 2014 observa-se, da mesma forma, uma mensagem apelativa e de espetacularização inerente à sociedade midiática na qual vivemos. Senão vejamos, “Um tiroteio deixou três pessoas feridas em uma escola estadual em Mossoró”. A ideia de tiroteio dá até impressão de uma intensa troca de tiros, o que de fato, segundo a matéria, não houve naquele episódio.

Outro tipo de fenômeno que vem sendo noticiado recorrentemente pela mídia são os crimes contra o patrimônio ocorridos nas ou próximos as escolas. Nos títulos dessas reportagens sobressaem termos que indicam o tom apelativo das manchetes, tais como: ‘arrastão’, ‘grupo de bandidos’, ‘invasão’, etc.

Em 2015, por exemplo, após a prática de roubos em um estabelecimento educacional, o *Blog* ‘O câmera’ trouxe a seguinte reportagem: “Alunos da Escola Estadual Dom Jaime Câmara, localizada no bairro Costa e Silva, ficaram sem aulas durante esta terça-feira, 25 de agosto, por causa do arrastão promovido por um grupo de bandidos que invadiu o estabelecimento durante a manhã de hoje.”

Vejamos como o jornal ‘Mossoró Hoje’ noticiou um episódio da mesma natureza em maio de 2017: “Dois assaltantes armados invadiram a Escola Estadual Professora Maria Estela Pinheiro Costa, no bairro Liberdade I, em Mossoró, e fizeram um arrastão na sala de aula do 3º ano.” (Mossoró Hoje/26 de maio de 2017).

No mesmo dia o G1, do portal de notícias da Globo.com, publicou a seguinte matéria: “Escola Estadual Jerônimo Rosado foi invadida na noite desta terça-feira (25). Funcionários e estudantes tiveram pertences roubados na ação.” No decorrer das reportagens termos como “momentos de terror”, “homens armados” e “reféns” deram o tom apelativo da matéria:

“Alunos e funcionários da escola Estadual Jerônimo Rosado Maia, no conjunto Vingt Rosado, em Mossoró, no Oeste Potiguar, viveram momentos de terror na noite desta terça-feira (25). Homens armados invadiram o local, fizeram reféns e levaram os pertences das vítimas.” (Portal G1, 25/052017)

Observamos que os textos pretendem apontar a escola como se fosse um ambiente intocável, no sentido de que representa uma ilha institucional, imune aos conflitos sociais comuns a sociedade como um todo. Entendemos que tais evidências são, de alguma forma, interessadas e estão relacionadas a construção do medo derivado, já discutido em Bauman (2008).

Isso ocorre, na medida que, a repercussão desses atos violentos criam na comunidade escolar uma sensação de insegurança, que acaba interferindo no dia a dia da escola. Provocando, de algum modo, mais violência. Conforme se denuncia na matéria do *Blog* ‘Fim da linha’ em 25 de agosto de 2015: “Escola fica fechada e alunos sem aulas após assalto no bairro Costa e Silva.

Alunos da Escola Estadual Dom Jaime Câmara, localizada no bairro Costa e Silva, também chamado de Pintos, ficaram sem aulas durante esta terça-feira, 25 de agosto de 2015, por causa do arrastão promovido por um grupo de bandidos que invadiu o estabelecimento durante a manhã de hoje. (FIM DA LINHA, 2508/2017)

Outra observação pertinente, observada durante a pesquisa é quanto a relação indireta entre essa ascensão da violência escolar e a localização do estabelecimento. A leitura das matérias dão ideias de que somente as escolas de periferia sofrem com o fenômeno da violência.

Não encontramos em nossas pesquisas nenhuma matéria jornalística que abordassem a temática da ‘violência escolar’ e a associasse à escolas privadas, ou até mesmo as áreas mais privilegiadas. É como se a significação de violência estivesse ligada as camadas mais pobres e vulneráveis da sociedade.

Esse comportamento da mídia acaba por estigmatizar alguns estabelecimentos de ensino, projetando pré-conceito e contribuindo para reprodução de mais violência, na medida que, tanto a direção das escolas como os órgãos de segurança pública passam a adotar medidas denominadas pelos gestores como sendo de combate a violência, direcionadas àquelas unidades, consideradas por eles como sendo mais violentas, tal como a ‘Ronda Escolar’⁸.

Por fim, observando a fala de um professor, publicada em uma rede social (Face book) em 26 de abril de 2017, sobre a violência escolar, identificamos construções que se aproximam das projetadas pela mídia. De acordo com esse docente, já faz tempo que ele considera o trabalho de professor de escola pública como trabalho de risco, “e que inclusive isso pode ser constatado nas páginas policiais de qualquer jornal”. Percebe-se que na fala do docente ele usa a reprodução da mídia como argumento da tese, de que a escola está mais violenta.

Essa construção feita pelo professor aponta para a importância dos meios de comunicação na construção do significado de violência escolar. Porém, em seguida ele reconhece que essa construção por parte da mídia pode trazer alguns elementos nocivos a escola, principalmente à escola pública de periferia, quando afirma que nada justifica a ira com que a escola pública é atacada.

⁸ Projeto da Prefeitura de Mossoró e do Estado do Rio Grande do Norte, que através da Guarda Civil Municipal e da Polícia Militar, direciona equipes ostensivas às escolas públicas da rede municipal e estadual, respectivamente, para patrulhamento ostensivo em escolas tidas como vulneráveis.

CONCLUSÕES

Esse artigo objetivou entender como a mídia contribui para a preenchimento do significante violência escolar. A intenção do trabalho é fomentar a discussão em torno da significação do termo violência, sobretudo no ambiente escolar. No meio do percurso apresentamos perspectivas pós-estruturalista, defendendo a impossibilidade de fixação dos conceito de violência. Por tanto consideramos o termo violência escolar como um significante vazio, preenchidos por meio de demandas de grupos, que lutam para hegemonizar significados.

Como exemplos de grupos que participam dessas significações apresentamos os gestores, os professores, e a mídia que, de forma contingencial e interessadamente, veicula matérias em jornais, *blogs* e na TV.

Com relação a influência da mídia na construção do significado de violência escolar, apresentamos, a partir matérias publicadas em *blogs* policiais e jornais locais e regionais, com circulação na cidade de Mossoró-RN, nos últimos cinco anos, podem contribuir para a significação do conceito de violência escolar.

Trouxemos evidências de direcionamento, de demandas e de interesses, principalmente comerciais, nas publicações sobre violência escolar, no sentido de torná-las mais apelativas e conseqüentemente mais vendáveis. Apontamos durante o artigo resultados que demonstram que a espetacularização e o sensacionalismo são características de matérias que envolvem articuladamente eventos, tidos como violentos, no interior ou próximo as escolas

Acreditamos ser preocupante o modo como a mídia vem tratando/noticiando os eventos que envolvem violência na escola, pois a forma como essas matérias são construídas contribuem, de alguma forma, para a fomentação do medo derivado. Fato que acaba influenciando no cotidiano da escola e prejudicando as atividades escolares.

Os interesses envoltos nessas construções também chamam atenção, pois se o fato for distorcido e manipulado ou mal interpretado para satisfazer interesses políticos e ou comerciais estaremos fadados fixar conceitos e comportamentos que geram a propulsão do medo e da violência. Muitas vezes estigmatizando instituições, tornando-as mais vulneráveis e, conseqüentemente, mais propícios a conflitos violentos, além de ficarem mais expostos a ações tidas como de combate a violência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. *O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe*. Lua Nova. São Paulo. 2010.

BALL, Ateohen. J.; MAGUIRE, Meg.; BRAUN, Annette. *Como as escolas fazem políticas: atuação em escolas secundárias*. Editora UEPG: Ponta Grossa – Paraná. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Tradução: Marcus enchel. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor 1999

CHOMSKY, Noam. *Mídia: Propaganda política e manipulação*. Tradução: Fernando Santos. Ed. WMF Martins Fontes. São Paulo. 2014.

LACLAU, Ernesto. *Emancipação e Diferença*. Ed. Uerj. Rio de Janeiro. 2011.

LOPES, Alice. Casimiro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a submissão ao mundo produtivo: O caso do conceito de contextualização. *Educação e Sociedade*, Campinas, v 23, n. 80 set/2002, p. 386-400.

LOPES, Alice. Casimiro; MACEDO, E. *Teoria de Currículo*. São Paulo: Cortez, 2011

LOPES, Alice. Casimiro. A qualidade da escola pública: uma questão de currículo? In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio et al. (Org.). *A qualidade da escola pública no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 13-29

LOPES, A. C *Teoria Pós-Críticas, Política e Currículo*. Educação, Sociedade e Culturas, n. 39, p. 7-23, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES R.; MINAYO, M. C. de S. (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANTOS, Jean. Mac Cole. Tavares; RODRIGUES, Maria Kélia. Silva. Violência na escola: sentidos no contexto da prática. *Pesquisa em foco*, vol. 20, n 2, p. 187-213. São Luís. 2015.

SILVA, Sousa da Silva; MENDONÇA, Kátia Marly Leite. A Violência escolar em matérias de jornal: Um imaginário construído em Belém-PA. *comunicação e educação*. vol. 20. N 1. p.39-49. São Paulo. 2014